

POESIA LATINA DE DOIS JESUÍTAS: DIOGO DE SANDE E FRANCISCO DE MENDONÇA

ANTÓNIO GUIMARÃES PINTO

Universidade Federal do Amazonas

RESUMO

Neste artigo, o Autor contextualiza e apresenta os originais e as traduções de dez composições poéticas latinas de dois escritores portugueses quase coetâneos e aos quais aproxima também o mesmo hábito religioso e parecida destreza no domínio do idioma do Lácio. As injunções da missão ou a disciplina da Ordem inaciana obrigaram ambos a viverem e morrerem longe da pátria. Além do valor intrínseco destas composições literárias até hoje praticamente desconhecidas, e transpostas para vernáculo por outro exemplo da diáspora, salienta-se o pendor tecnicista exemplificado numa destas composições: com o que se acata e respeita o tríplice lema sob o qual se organizou este encontro, que decorre na Casa insigne onde se guardam dois raros ciméios bibliográficos associados aos nomes dos dois jesuítas quinhentistas.

PALAVRAS-CHAVE

Humanismo, poesia neo-latina, jesuítas, pré-barroco

ABSTRACT

This article aims to present the transcription and translation into Portuguese of ten latin poems whose authors were almost contemporary and connected by a similar dexterity in the use of Latin. Also they were both Jesuits. In obedience to superior commands or injunctions of missionary needs, both lived and died far from his native country (Portugal). Besides the intrinsic value of this litterary compositions, until now nearly unknown, and translated by an other *victim* of "Portuguese diaspora", claims our interest the 'technicist' flavour we can taste on a poem by Father Mendonça: thereby this article obeys to the threefold motto under which the present event was summoned, celebrating also a Library among whose treasures is possible to find two rare books by the Authors now selected and translated.

KEYWORDS

Humanism, XVIth Century Latin Poetry, Jesuits, pre-Baroque

Emparceirei neste trabalho dois autores que é possível aproximar, por um lado, pela identidade da profissão religiosa, como membros da Companhia de Jesus, e pela idade – pois, embora pertencentes a diferentes gerações, ainda foram coetâneos¹ –, e, por outro, devido a uma notável dexteridade e elegância no manejo da língua poética latina. Procurando ser fiel à epígrafe sob a qual se organizou e convocou este colóquio e simultaneamente homenagear a nobre entidade que o patrocina, escolhi escritores e composições em que avultam algumas das tendências e pendores mais específicos do Humanismo português e que, de uma forma ou de outra (como mais adiante se verá), se encontram ligados à BPMP. É também certo que o vocábulo *diáspora* vem muito de molde para caracterizar o percurso vital das três entidades humanas sobre as quais assenta esta comunicação: o autor da mesma, português do Minho obrigado a emigrar para a Amazónia para ganhar o seu sustento, o também minhoto Pe. Duarte de Sande, cujos últimos decênios de vida transcorreram no Oriente entregue à propagação da fé cristã, e o aristocrata lisbonense Pe. Francisco de Mendonça, que, depois de uma existência passada em diferentes cidades da pátria, foi procurador em Roma da sua província religiosa, acabando por morrer em solo estrangeiro. Finalmente, numa das composições deste mesmo Pe. Mendonça, vislumbra-se, de par com algumas características da emergente estética e *forma mentis* barroca, um gosto ou interesse ‘tecnicista’: com o que se torna tríplice e pleno o foro com que me apresento neste encontro, em que se irá falar sobre *humanismo, ciência e diáspora*.

1.

O jesuíta Duarte de Sande tem o seu nome sobretudo associado a um livro interessantíssimo para o conhecimento da mentalidade tanto europeia como japonesa dos finais do século XVI: o *DE MISSIONE LEGATORVM IAPONENSIVM AD ROMANAM CVRIAM Rebusque in Europa ac toto itinere animaduersis DIALOGVS EX EPHEMERIDE IPSORVM LEGATORVM COLLECTVS ET IN SERMONEM LATINVM VERSVS Ab Eduardo de Sande sacerdote Societatis IESV*, ou seja, na tradução do meu Mestre e Amigo o Prof. Américo da Costa Ramalho, que fez, e publicou em 1997 a 1ª versão integral da obra para idioma moderno: “Diálogo sobre a missão dos embaixadores japoneses à Cúria romana e as coisas que eles observaram na Europa coligido do diário

¹ Nesta comunicação não me debruço sobre as biografias dos autores, que os interessados poderão conhecer consultando as obras dos investigadores jesuítas que *ex professo* se ocuparam delas. Lembro apenas que Duarte de Sande, natural de Guimarães (ou mais precisamente, ao que suponho, de alguma das quatro freguesias de nome Sande que se incluem neste concelho minhoto), professou na Companhia de Jesus em 1562, ensinou retórica no Colégio das Artes em Coimbra e embarcou para o Oriente em 1578, tendo sido reitor dos Colégios da Companhia de Baçaim e Macau, cidade onde morreu em 1600. Quanto ao Pe. Francisco de Mendonça (que nos textos mais antigos aparece grafado *Mendoza*, de acordo aliás com a lídima origem do nobilíssimo sobrenome), foi filho de D. Álvaro da Costa, armeiro-mor de D. Sebastião, e neto do 2º governador-geral do Brasil, D. Duarte da Costa, e de sua esposa D. Maria de Mendoza (de quem tomou o sobrenome quando abraçou a vida religiosa), e nasceu em Lisboa em 1573, ingressando na Companhia de Jesus em Coimbra, no ano de 1587, contra a vontade da família. Doutorou-se em Teologia, em Évora, em 1609, e foi reitor dos Colégios desta cidade e de Coimbra. Em 1625 foi eleito procurador geral da Província portuguesa em Roma; adoeceu na viagem de regresso à pátria, vindo a falecer no dia 3 de Junho de 1626, no Colégio da Companhia, em Lyon, na França.

dos próprios embaixadores e vertido para latim por Duarte de Sande, sacerdote da Companhia de Jesus”,² livro de dilatado e informativo título, ao gosto do tempo, que teve a sua primeira edição em Macau, no ano de 1590, constituindo a terceira produção³ saída dos prelos que a mesma missão japonesa trouxe de Portugal e que, por muitos anos, imprimiria milhares de exemplares de obras em língua nipónica, com fins sobretudo apologéticos, ainda que não de forma exclusiva. Sobre o elegante e vivo latim deste livro não subsistem dúvidas que ele pertence ao sacerdote vimaranense, existindo porém alguma diversidade de opiniões acerca do grau de originalidade que lhe cabe no traçado geral e pecúlio extra-narrativo do *De Missione*, diálogo que, como se sabe e o próprio título em parte indica, tem como base diários de viagem, apontamentos e relações impressas proporcionadas ao compilador pelos viajantes nipónicos e seus acompanhantes. A este respeito surgiu alguma polémica entre os que, por um lado, como o Professor Ramalho, defendem arduamente a exclusividade da autoria literária do Pe. Sande,⁴ e, por outro, o numericamente mais nutrido partido, que podemos apelidar de “pró-italiano”, dos que têm como mais novel e bem apetrechado porta-voz o britânico J. F. Moran, e cuja opinião se pode cifrar nas seguintes palavras:

“A full reconsideration of the question shows conclusively that de Sande is not and does not claim to be the true author, and that the work was originally composed in Spanish by Valignano.”⁵

Não é agora meu propósito ocupar-me desta questão, que é de somenos importância para o ponto de vista sob o qual me ocupo aqui do Pe. Sande: ou seja, como autor literário novilatino. Desejava apenas lembrar, e até para justificar a escolha de um dos dois autores que elegi para a minha comunicação, que a BPMP possui⁶ um dos três exemplares hoje existentes em solo português deste raríssimo espécime da tipografia quinhentista.

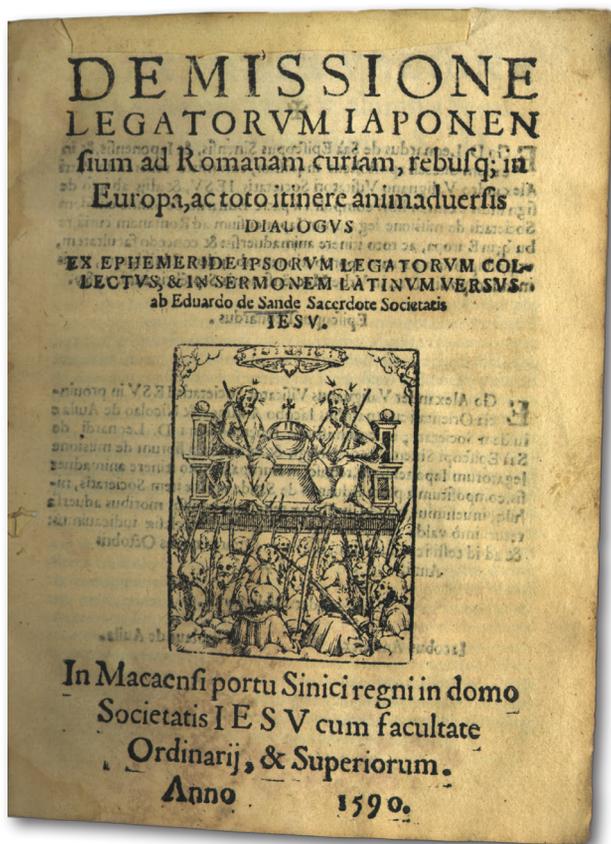
² A 1ª edição desta tradução saiu em Macau, no ano de 1997. Dela a Imprensa da Universidade de Coimbra e o Centro Científico e Cultural de Macau fizeram, em 2009, uma 2ª edição, repartida por dois tomos, com estabelecimento do texto latino do Professor Sebastião Tavares de Pinho.

³ A primeira obra composta por esta impressora, pelo menos em terras do Oriente, foi a *Oratio habita a Fara D. Martino, Iaponio, suo et sociorum nomine, cum ab Europa redirent, ad Patrem Alexandrum Valignanum, Visitatorem Societatis IESV, Goae in D. Pauli Collegio, pridie Non. Iunii, Anno Domini 1587, CVM FACVLTA TE Inquisitorum et superiorum. Goae. Excudebat Constantinus Douratum, Iaponium, a aedibus Societatis IESV, 1588.* (“Discurso pronunciado por D. Martinho Hara, japonês, em seu nome e dos seus companheiro, quando regressaram da Europa, dirigido ao Pe. Alexandre Valignano, Visitador da Companhia de Jesus, em Goa, no Colégio de S. Paulo, a 4 de Junho de 1587. Com autorização dos inquisidores e dos superiores. Em Goa. Impresso por Constantino Dourado, japonês, nas casas da Companhia de Jesus. 1588.”) Deste raríssimo opúsculo, de nove folhas, fizemos a transcrição e tradução para português, que juntamente com outras peças da mesma temática integram um voluminho intitulado *Adenda ao livro De Missione legatorum Iaponensium: as orationes de Gaspar Gonçalves e de Martinho Hara*, inédito há mais de dois anos, como prova do desinteresse que os conventículos que em Portugal se consagram aos estudos sino-nipónicos parecem votar ao idioma latino.

⁴ Veja-se sobretudo o artigo: “O Padre Duarte de Sande, S. I., verdadeiro autor do *De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam (... Dialogus)*”, apud *Para a História do Humanismo em Portugal (III)*, Lisboa, INCM, 1998, pp. 209-220.

⁵ J. F. Moran, “The Real Author of the *De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam...Dialogus*”, *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, Lisboa, volume 2, June 2001, pp. 7-21.

⁶ Com a cota: Y´-1-79.



Ora, ainda que parcas e subordinadas a diferentes desígnios estéticos e sub-géneros literários, chegaram até hoje, para além do *De Missione*, mais algumas mostras da escrita de Duarte de Sande. Na verdade, dele nos restam vinte e tal cartas, das quais duas, relativamente longas, dada a sua categoria de *cartas ânuas*, se encontram hoje impressas, e com as quais – no caso destas últimas – informava, *prima facie* os confrades, mas, de facto, talvez visando, como amiúde sucedia, alcançar, por via da imprensa, o orbe católico em geral, muito interessado nesta variedade quinhentista de literatura exótica, das dificuldades e sucessos da atividade missionária jesuítica em terras do Extremo Oriente, ou, no caso das missivas até hoje manuscritas e guardadas nos arquivos da Companhia e outros, dava conta miúda aos seus dirigentes em Roma de situações concretas e de casos por vezes melindrosos para os quais se requeriam medidas rigorosas devidamente sancionadas pela autoridade do prepósito-geral.⁷ Previsivelmente, este tipo de produção escrita não tem intenção estética e visa sobretudo um escopo prático e informativo, pelo

que da sua leitura não podemos coligir grande coisa acerca dos dotes literários de quem a pratica, embora vez ou outra algum torneio de frase mais elegante ou uma metáfora imprevista nos façam entrever o antigo mestre de retórica, sensível às musas e cativo da variegada beleza que a Criação constantemente põe diante dos seus olhos.

Já o mesmo não sucede, como aliás seria de esperar, com os testemunhos do seu engenho literário que ficaram manuscritos até hoje nos repositórios em que a Companhia de Jesus transcrevia as mais seletas produções do estro poético, fôlego oratório ou inspiração dramática dos alunos e

⁷ João Paulo Oliveira e Costa e Ana Fernandes Pinto editaram as *Cartas Ânuas do Colégio de Macau (1594-1627)*, Macau, CTMCDP e Fundação Macau, 1999. – Nesta coletânea encontramos duas cartas ânuas de Duarte de Sande: a correspondente ao ano de 1594, que ocupa as pp. 55-67; e a que regista a atividade do Colégio e seus membros no ano de 1595, nas pp. 68-79. O CHAM apresentou na década de 90 do passado século um projeto intitulado "Jesuítas Portugueses no Extremo Oriente nos séculos XVI-XVII", que tinha como principal desígnio a transcrição e edição crítica do epistolário de oito jesuítas. Fazia parte deste número Duarte de Sande, do qual se arrolaram 22 cartas. Que saibamos, a transcrição anotada das mesmas não foi até hoje entregue ao domínio público. Ao Doutor Rui Loureiro agradeço penhorado a pronta e gentil cooperação com que contribuiu para a elaboração desta nota.

mestres do seu Colégio de Coimbra, e com os quais, ao mesmo tempo que se abrihantavam com o lustre da beleza os certames e festividades que faziam parte do calendário académico, se apontava ao escopo pedagógico e religioso de propor modelos de comportamento e glorificar virtudes, situação que sobretudo se verificava nos dias de sueto anualmente consagrados à exaltação de D. João III, patrono da Companhia e responsável pela entrega do *seu* Colégio das Artes à mesma em 1555, e da Rainha Santa Isabel, padroeira da cidade de Coimbra.⁸ Nestas composições, o já então provável professor de Retórica Duarte de Sande, revela com desembaraçada mestria o domínio tanto do dístico elegíaco como das elegâncias e louçainhas de uma prosa oratória de recorte ciceroniano, pondo ambas as modalidades literárias a serviço quase exclusivo do exalçamento da santa esposa do rei D. Dinis.

É que, e entrando já de pleno nos textos que vou apresentar, as composições literárias latinas da autoria de Duarte de Sande que logrei descobrir nos códices jesuíticos *rerum scholasticarum* são em número de onze, repartindo-se do modo seguinte, de acordo com os temas e sub-géneros literários: seis poemas e duas orações laudatórias dedicados à Rainha Santa, dois “enigmas” em verso e uma breve oração lida numa cerimónia de colação do grau de bacharel. Quanto às *orationes*, duas – ou seja, a 1^a *de laudibus* de Santa Isabel e a breve alocução académica –, foram pronunciadas em 1572⁹, e a outra, ou seja, a 2^a consagrada à Rainha Santa, em 1573¹⁰. Destes três textos talvez me ocupe algum dia, fazendo-os figurar, juntamente com a versão lusitana, numa nutrida antologia das muitas e valiosas peças oratórias que integram estes códices manuscritos, reduzidos ao mais injusto silêncio pelo preconceito e vesânia anti-jesuítica dos intelectuais bem pensantes nacionais dos derradeiros dois séculos e pico.

A produção versística consta de um total de 136 versos, ou melhor, de 68 dísticos elegíacos, metro clássico que o Autor exclusivamente utilizou, para nele vazar a sua inspiração, por um lado, de vate lírico-hagiográfico (em 6 poemas, cuja extensão varia entre 5 e 10 dísticos) e, por outro, de expositor engenhoso de “enigmas”, ou seja, gravuras alegóricas ou simbólicas penduradas nas paredes, que o texto poético latino colocado ao lado deveria esclarecer (em 2 composições, ambas de 14 dísticos).

⁸ A descrição e síntese das composições que integram os mais conhecidos acervos manuscritos da produção humanística da principal escola jesuíta portuguesa nos séculos XVI e XVII pode ver-se nos três seguintes artigos de Sebastião Tavares de Pinho: “Literatura humanística do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra no século XVI”, Congresso de História da Universidade no VII Centenário, Actas, Coimbra, 1991, pp. 67-86; “O Colégio das Artes na Universidade de Coimbra, e a tradição clássica no início do século XVI”, *Biblos*, Coimbra, 68 (1992), pp. 49-76; “Um códice latino de literatura jesuítica quase desconhecido: o Códice 1963 da Livraria dos ANTT”, *HVMANITAS*, Coimbra, 57 (2005), pp. 351- 382.

⁹ *Oratio de laudibus Beatae Elisabethae Lusitaniae Reginae habita ab Eduardo de Sande Conimbricae anno 1572*, ff. 124 r^o-130 v^o do códice 993 da BGUC; neste mesmo códice e no mesmo f. 130 v^o inicia-se a *Oratio ad baccalariatus gradum consequendum habita 1572 Ab eodem*, que acaba no recto do f. 132.

¹⁰ *De laudibus Diuae Elisabethae Lusitanorum Reginae oratio secunda habita ab Eduardo de Sande Conimbricae anno 1574*, ff. 161 r^o-169 v^o do mesmo códice citado na nota anterior.

Destes “enigmas”,¹¹ bem nutridos de lardo mitológico, colige-se o trato contínuo do mestre de retórica com os autores clássicos cujo ensino ministrava, como também, no caso de um deles, a data da sua composição, uma vez que versa sobre a Liga Santa, aliança político-estratégica da iniciativa de Pio V, celebrada em Maio de 1571 entre o Papado, a Espanha, as repúblicas de Veneza e Génova, o ducado de Sabóia e a Ordem de Malta, com o propósito de derrotar a esquadra turca, desígnio alcançado com a estrondosa vitória de Lepanto, conseguida em Outubro desse mesmo ano. A outra composição lúdica fornece também alguma achega, conquanto sumamente vaga, para a determinação da época da sua composição, uma vez que, numa das notas manuscritas que a acompanham, se diz: “Quando o velho reverdecer fazendo-se o edifício novo”, entenda-se, do Colégio das Artes. Ora, é sabido que a construção das novas instalações desta academia, embora iniciadas em 1568, só se concluíram em 1616. Atendendo ao que já dissemos, facilmente se colhe que Sande escreveria estes versos no lustro imediatamente após aquela 1ª data.

No que toca às composições que caracterizei como lírico-hagiográficas, o seu interesse, em minha opinião, radica mais na fruição estética que proporciona à nossa sensibilidade o bom manejo da linguagem poética latina, do que no lastro doutrinal, cultural ou histórico que oferecem ao nosso “faro” e interesse de eruditos. Em boa verdade, em conformidade com as características da poesia hagiográfica,¹² que aliás teve nos séculos XVI e XVII o seu período áureo (pelo menos na vertente humanística), nestes seis carmes, Duarte de Sande mostrou-se menos preocupado com a exatidão histórica dos episódios biográficos do que com o exalçamento da humildade, piedade, religiosidade e fortaleza de ânimo da santa, que propõe aos moços estudantes como modelo de perfeição cristã que devem procurar imitar.

2.

Tão-pouco me ocuparei aqui de alguma das duas facetas pelas quais hoje mais se recorda, ainda que mui raramente, o nome do jesuíta Francisco de Mendonça: a de pregador vernáculo¹³ e a de exegeta bíblico, autor de um ponderoso comentário ao *Livro dos Reis*. Homem de intensa atividade religiosa e intelectual, da variedade dos seus interesses dá prova a vasta coletânea na qual os

¹¹ De entre os variados exercícios que a *Ratio studiorum* jesuítica confiava aos membros das “academias de retóricos e humanistas”, nas quais os alunos com mais crescida bossa literária se podiam juntar para reuniões ordinariamente dominicais, constava o de “comporem e interpretarem inscrições, descrições e enigmas.” *Código pedagógico dos jesuítas*. *Ratio Studiorum da Companhia de Jesus*, versão portuguesa e notas de Margarida Miranda, Lisboa, Esfera do Caos Editora, 2009, pp. 262-263.

¹² Sobre este tema vejam-se os dois seguintes artigos de Carlota Miranda Urbano: “S. Francisco Xavier e a poesia hagiográfica novilatina em Portugal”, Coimbra, *HVMANITAS* 58 (2006), pp. 369-390; “Epoieia novilatina e hagiografia: alguns exemplos em Portugal”, Coimbra, *HVMANITAS* 57 (2005), pp. 383-402.

¹³ Embora durante a sua vida se tenham publicado avulso alguns poucos sermões, o grosso da sua produção parenética só foi coligida e publicada postumamente, a partir do ano de 1632, em que saiu a lume a *Primeira Parte dos Sermões*.

confrades de Lyon compilaram um razoável número de obras suas, que é de supor o acompanhariam em manuscrito no momento em que a morte o colheu, inesperadamente e em idade ainda vigorosa, naquela cidade francesa. Com efeito, sob o seu nome publica o editor Jacob Cardon, no ano de 1631, uma obra de 350 ff., a duas colunas, com o seguinte noticioso e dilatado título: *Viridarium sacrae et profanae eruditionis, a P. Francisco de Mendonça, Olysiponensi, Societatis IESV, doctore Theologo, olim in Conimbricensi Academia primario eloquentiae magistro, et Philosophiae professore, postea in Eborensi diuinarum Oraculorum interprete, satum excultumque. Posthuma proles*,¹⁴ ou seja: “Vergel de sagrado e profano saber, semeado e cultivado pelo Padre lisboeta Francisco de Mendonça, da Companhia de Jesus, doutor em Teologia, em tempos professor catedrático de eloquência e professor de Filosofia do Colégio de Coimbra e posteriormente professor de Sagrada Escritura no de Évora. Obra póstuma.”

Como se vê pelo teor do início do título, já nos encontramos em pleno período barroco. Passando ao índice, verificamos que as espécies vegetais postas à nossa disposição se repartem por nove talhões (digamos assim) representativos dos diferentes pendores e aptidões do nobre jesuíta alfacinha. Interessa-nos para o presente escopo o *Liber nonus*, que ostenta o fragante subtítulo de *De floribus poeticis* (“Das flores poéticas”), que se esparzem do f. 321 ao 350. Aí encontraremos as seguintes composições: *Dialogus de sacratissima Assertoris Christi Passione*, (“Diálogo sobre a sacratíssima Paixão do libertador Cristo”, peça de teatro) *Cunae Bethlemici Infantis*, (“Berço do menino de Belém”) *Augustissimae Eucharistiae miracula*, (“Milagres da santíssima eucaristia”) *Virginis Magnae Matris Purificatio*, (“Purificação da Virgem grande Mãe”) *Ignatius, Societatis IESV auctor ac parens sanctissimus, ut quemdam e scelerum lacu extrahat, in lacum se abdit*, (“Inácio, fundador e progenitor da Companhia de Jesus, retira-se para o interior de uma cisterna, a fim de arrancar certa pessoa do tremedal dos pecados”) *Francisci Xaverii Herois sanctissimi illustria facta*, (“Brilhantes feitos do santíssimo herói Francisco Xavier”) *Vrsulae et sociarum laurea triumphalis*, (“Coroa triunfal de Úrsula e suas companheiras”) *Victricis Catharinae Mausoleum*, (“Túmulo da vencedora Catarina”) *Erenae Virginis Lusitanae Martyrium triumphale*, (“Martírio triunfal da virgem portuguesa Erena”) *Historiae laudes*, (“Louvores da história”) *Nascenti Virgini Magnae Matri, quae tunc scholastico anno nascenti initium auspiciatissimum faciebat*, (“Ao nascimento da Virgem grande Mãe, que tornava muitíssimo auspicioso o ano escolar que então se iniciava”) *Ad Vrsulam et comites beatissimas* (“A Úrsula e às suas bem-aventuradas companheiras”) e, por derradeiro, as duas composições que aqui ousamos apresentar e traduzir.

À primeira deu o Autor o título de *Amoenissima Tiburtini nemoris consideratio* (“Mui aprazível contemplação dos jardins de Tívoli”) e foi presumivelmente escrita entre 1625 e 1626, durante a sua estadia em Roma como procurador-geral da província portuguesa da Companhia de Jesus. Consta de 76 versos, ou melhor, de 38 dísticos elegíacos, nos quais descreve as maravilhas dos ainda hoje

¹⁴ Esta 1ª edição faz parte do riquíssimo acervo de obras em latim da BPMP, que também possui a que da mesma obra no ano seguinte saiu dos prelos de Petrus Henningius, de Colónia, que também consulte na mesma Biblioteca portuense.

célebres Jardins da Villa de Este, situados na localidade, próxima de Roma, de Tívoli, e começados a construir por iniciativa do cardeal Hipólito II de Este (1509-1572), a quem secundaram na monumental edificação seus sobrinhos e herdeiros, os também cardeais Luigi de Este (1538-1580) e Alessandro de Este (1568-1624). Nesta composição vemos exemplificadas algumas das particularidades mais características da mentalidade barroca: o interesse pelo visual e a necessidade de fazer o leitor compartilhar com o Autor da experiência deste como sujeito observador. O gosto pelo detalhe e o descritivismo exaustivo são a primeira consequência desta *forma mentis* a que Mendonça não escapa.

Outra feição do homem barroco que aqui sobremaneira avulta é o interesse e sedução pelo artifício, ou melhor, pelos mecanismos, engrenagens e artefactos, a que tão grande desenvolvimento se deu no século XVII, e que tem como reflexo uma espécie de íntima convicção de que a Natureza é uma imitação ou, pelo menos, inferior à Arte. Neste sentido parecem significativos os seguintes versos:

Artis opus natura suum miratur, et artis
Ludum experta, “minor sum”, canit, “arte minor”.¹⁵

Curiosamente, mas de facto em lógica consonância com esta exaltação que no presente poema encontramos das recentes invenções da mecânica e da hidráulica, vemos desterrado desta composição o pessimismo sobre o presente que é da praxe associar à mentalidade barroca. É que Mendonça não pertence ao grupo dos *laudatores temporis acti* e, na polémica entre antigos e modernos, não trepidaria em terçar armas por estes últimos:

Iam meritas antiqua trahant monumenta ruinas,
Hoc se se astrorum cursibus aequet opus!¹⁶

A composição com que se encerra o “Vergel”, e também a minha apresentação dos dois vates jesuítas, vincula o Pe. Francisco Mendonça ao humanismo duro e estreme, digamo-lo assim, para caracterizarmos de alguma forma a corrente literária e cultural que encontrou o seu auge nas primeiras décadas do século XVI e teve como figura de proa o, embora polifacético, sempre enigmático Erasmo de Roterdão. Como tópicos tendentes a uma definição sumária, apontaria, no plano estético-cultural, a predileção pelos poetas mais grados da época de Augusto, sobretudo Horácio e Virgílio, o recurso moderado à mitologia e o menos moderado aos *exempla* da História antiga, sobretudo os transmitidos pelas biografias plutarquianas. No que tange às ideias, esta vertente do humanismo, que acabou talvez por ser a grande vencida no tumultuar de guerras fratricidas em

¹⁵ “Natura admira a sua obra de arte, mas vendo / Da arte a obra, exclama: ‘A Arte me supera!’” Vv. 28-29. – Visão contrastante com a normalmente adjudicada à estética clássica, de que são síntese feliz os versos seguinte do neo-clássico sevilhano Manuel Maria de Arjona: *En vano con espléndido aparato / Finge el arte solícito grandezas: / Natura vence con sencillo ornato / Tan altivo disfraz.*

¹⁶ “Os antigos monumentos merecem hoje arrastar consigo as suas ruínas / E esta obra nivelar-se com a alta carreira dos astros!” Vv. 75-76.



que se tornou a vida da Europa a partir do seu segundo decénio, pode sintetizar-se com a palavra *irenismo*, ou seja, em resumidas contas, a crença na eficácia do diálogo para dirimir os conflitos humanos, sejam religiosos, políticos ou económicos. Desta crença ou ideologia podem considerar-se como breviário ou catecismo dois longos textos erasmianos, que em tempos traduzi para português como *A Guerra e Queixa da Paz*, mas que nos originais latinos se intitulavam respectivamente *Dulce bellum inexpertis* e *Querela Pacis*.¹⁷

Ora, o título latino daquele primeiro texto erasmiano é idêntico ao do 2º poema do Pe. Mendonça que traduzi, e é a versão latina, tornada *adagium* ou provérbio, de um verso de Píndaro. Erasmo incluiu pela primeira vez este prólogo na edição de 1517 dos seus popularíssimos *Adagia*, fazendo dele pretexto para o mais importante e influente ensaio que escreveu sobre o absurdo e desumanidade da guerra. Foi com certeza tendo presente o texto erasmiano, constante de alguma das inúmeras edições dos *Adagia* – e que seria de fácil acesso para o catedrático de eloquência do Colégio das Artes, para quem aquele inesgotável repositório de cultura clássica constituiria obra de consulta proveitosa e amiadada –, que o nosso Autor se propôs escrever esta elegantíssima composição. Nela, aliás, não é tanto o fervor bélico que é verberado (e não deixa de ser curioso e com o seu quê de irónico lembrar aqui que Francisco de Mendonça era filho, neto e bisneto do armeiro-mor dos reis de Portugal, cargo que se manteve por muitíssimo tempo na sua família), mas antes a desmesura da ambição, que leva o homem a abalançar-se a empresas arriscadas e a arrostar o desconhecido, para tardiamente, e após doloroso escarmento, se arrepender. É, como se vê, tópico velhíssimo glosado pelos poetas clássicos, cuja influência me parece bem patente no donoso poema que me atrevi a traduzir.

1. DUARTE DE SANDE

TEXTOS LATINOS

[136 vº]¹⁸

Regina tria uirtutis impedimenta uicit: muliebrem naturam, matrimonium, regiam dignitatem

Duarte Sande

Femina, nupta fui, moderatrix incluta regni,
Quae tria celsa solent sistere ad astra gradum.

¹⁷ Com esse título as publiquei em livro, editado no ano de 1999 pelas Edições 70, de Lisboa.

¹⁸ Esta composição e as três seguintes foram transcritas do códice 993 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Dum sexus premit et curis dum taeda fatigat,
Dum sublime leuat pulchra corona caput:
Femineam Christus cinxit munime mentem,
Esset ut assiduis illabefacta malis;
Addita religio soluit mea pectora curis
In superasque animum transtulit una plagas,
Denique deiecit summissio tempora, gemmis
Tollebat fulgens qua diadema suis.
Perge igitur nec te retinacula lenta morentur,
Inuia diuinus peruia reddit amor.

De fortitudine reginae

Aliud ab eodem

Reginam ualido munitam robore cernens,
Oppugnare animum Sors uiolenta parat:
Ergo cadit roseo constantia flore iuuentae,
Quam uita inconstans, quam leuis illa fuit!
Fertur in uxorem rabida rex efferus ira,
Pectora reginae dum male fida putat.
Hinc pater, hinc natus committere proelium temptant:
Alter in alterius stat caput ense minax.
Illa immota manet, casus uoluuntur [miros].
Vis reginae animum frangere nulla potest.
“Decepit”, Fortuna inquit, “me femina uultu,
Feminea est facies, mens generosi ducis.”

De religione Elisabethae in matrimonio

Ab eodem

Miramur tectis claustroque inclusa profundo
Si superi uirgo flagret amore poli:
Quam miranda magis medio matrona tumultu,
Quae uixit famulis undique cincta suis
Imbuit aetherei, sed cultu pectora [Christi],
Caelestis curans nil nisi Regis opes.
[137] Hanc ego perpetua dignam reor esse corona:
Scilicet, haec prudens Elisabetha fuit,
Namque, ut Sol radiis media caligine fulget,
In taedis pietas religioque uiget.

De submissione animi in regio statu

Ab eodem

Dum Fortuna uidet reginam robore septam,
In uarios mentem uersat iniqua dolos.
Sternitur ante pedes, titulos proponit auorum,
Certans cum morum nobilitate genus.
Tot famulos famulasque offert, tot dona,
Purpureas uestes, stemmata, scepra, domos.
Omnia contemnit sapiens Regina nec ullo
Aura leuis flatu pectora firma mouet.
“Illa”, ait, “in tanto quae me certamine uicit,
Non fuit in terris edita, lapsa polo est.”

[797]¹⁹

Ad reginam

Duarte de Sande

Elisabeth triplici caput exornate corona,
Nam multa imperio subdidit illa suo.
Ferrea [debitum], quod Lusitania scepro
Paruit et dominae colla premenda dedit.
Protinus argento [sequitur] caelata, potentum
Quod uerbis domuit pectora saeua ducum.
Ultimus ex auro poscit diadema triumphus
Frena potens, tenuit quod meliora sui.

Aliud

Morte cadit regni nitor imperiique potestas
Transit ut accensis flamma corusca rogis
Atque ita limitibus clauduntur nomina certis
Regia maiestas, scepra superba, duces.
Non tamen hoc cunctis fatum inuiolabile, quando,
Elisabeth, solio nobiliore sedes.
Quod tibi mors rapuit, cumulauit Christus et auctum
Tradidit, imperio nec spoliata manes
Dumque aliis tumido mutatur purpura fastu,
Signa capis regni tu potiora tui.

¹⁹ Esta composição e a imediatamente a seguir foram transcritas do Códice 3308 da Biblioteca Nacional de Lisboa.

[134]²⁰

**Aenigma de societate inita inter Summum Pontificem et christianos principes, nomine
uulgari *Liga***

Duarte de Sande

Aspicis ut nimio pomaria culta labore
 Approperent rabido perdere dente ferae.
Aspicis ut soluant, transfixo corpore, poenas,
 Custodum et ualidas experiantur opes.
Nec uulpem natura sagax tueatur ab ictu
 Tela nec effugiant sanguinolenta lupi.
Attamen immanis furiali percitur aestu,
 Saeuit aper nullo per loca cuncta metu.
Exsuperat cunctos ab eodem sanguine natos,
 Nam suffusa nigro uiscera felle gerit.
Cumque alii latebris siluarum antrisque recondant
 Corpora et apta sibi tesca inamoena colant.
Surgit Hyperborei de culmine montis, ad Austrum
 Currit et Eoas occiduasque plagas,
Quin etiam pulchras arces uiridesque recessus
 Lectaque flagranti dulcia Sole petit.
Quid cum Pierio rudis est tibi bellua fonte?
 Quid tibi cum saeuo docta Minerua sue?
Signa ferae aspicient, [potes] a Latoide missam
 Credere ut aeneos in Calydonis agros.
Obstat Atalante, uirgo clarissima, quae non
 Faece caret penitus, sit generosa licet.
At uincit reliquas constanti mente sorores,
 Quas subito natas mors inimica tulit.
Prima suem figit, sed, non satiata cruore,
 Membra parat manibus dilacerare suis,
Non tamen ut quondam parient certamina praedae,
 Namque etiam Astraea femina munus habet.

²⁰ Esta composição e a seguinte foram transcritas do códice conimbricense mais acima citado.

[149]

A Universidade e o nosso Colégio

Estava ãa matrona reverenda com um bordão em a mão. Diante dela, dous filbos: um de verde, outro de vermelho. Detrás, duas filbas: ãa com coroa. Da outra parte, um velbo honrado com filhas detrás de si e diante alguns mancebos, que se iam do velbo pera a matrona. A matrona é a Universidade, os filbos e filbas Direito Civil e Canónico, Medicina e Teologia. O velbo, o Colégio; as filbas, as ciências que nele se ensinam: os mancebos, estudantes que passam do Colégio pera a Universidade.²¹

Duarte de Sande

O quam te memorem, uultu matrona uerendo,
Quam icarii sexus plurima turba colit!
Si memorare uelis, citius memorabitur orbis
Et loca qua circum, quam bibis, unda fluit.
Sed genus [expediui] subolem fratremque minorem,
Qui mihi perpetuo foedere iunctus adest.
Edita cum primum clara sum stirpe sub auras
Firmaui baculo, quae mihi uita, gradum.
Prodiga sed baculi dextra est, fulcire labantes
[150] Quae solet et fragiles sistere saepe pedes:
Quod si serua negat, cui credita cura tuendi,
Turba dolet casum debilitata suum.
Ancipiti ne forte duos e nomine natos
Ignarus mensae pinguia dona putes.
Hunc Iouis armiger decorat, pons inclutus illum,
Saepe graui structus robore saepe ruens.
Si rursus dubitas, recti te forma docebit
Corporis artificii non bene flexa manu.
Altera geniali frontem diademate cingit
Filia, fraterno conspicienda choro.
At miseranda soror pretio precibusque fatigat
Quos tristis residens pallor in ore fugat.
Hanc ultra subolem caros mihi tradit alumnos
Femineae frater prolis honore fruens.
Ille ostenta opes manibus, sed caeca iuuentus
Munificum gaudet deseruisse senem.
Tempus erit primo reiuersens flore senectus,
Cum captet uultu pectora multa suo.

²¹ Este texto e o título encontram-se em português no manuscrito.

TRADUÇÕES

[136 vº]²²

A rainha venceu três empecos à virtude: a natureza feminina, o casamento e a dignidade real

Duarte de Sande

*Fui mulher, fui casada e, do reino, ilustre governante:
Três empecos que soem reter a marcha para os celsos astros.
Enquanto meu sexo me oprime e com cuidados o matrimónio me afadiga
E a cabeça se alteia com a formosa coroa,
Cristo cercou de muralhas meu feminil espírito
Para que os incessantes males não me abalem;
Ajuntou-se a religião pra livrar de cuidados meu coração,
Do mesmo passo que elevou minh' alma às célicas moradas.
Enfim, a humildade abateu a fronte onde, com suas gemas,
O esplendente diadema se exalçava.
Portanto, vai avante, e não te detenham os morosos liames:
O amor divino facilita e aplanas as pedregosas vias.*

Sobre a fortaleza da rainha

Outro do mesmo

*Ao ver a rainha defendida por potente vigor,
A violenta Sorte aparelha-se para atacar-lhe o ânimo:
Ora, a coragem esvai-se com a rósea flor da mocidade,
E, inconstante como a vida, assim passou ligeira!

Conta-se que o rei contra a esposa se arrebatou em sanhuda ira,
Ao cuidar que lhe era desleal o coração da rainha.
De uma parte o pai, da outra o filho se aprestam pra travar peleja:
Ameaçando-se mutuamente,
Cada um mantém-se firme em matar co' a espada o outro.
Ela permanece impávida. — Sucedem-se casos espantosos:
Violência alguma pode quebrantar o ânimo da rainha.
“A mulher”, diz a Fortuna, “iludiu-me com o semblante:
O rosto é feminino, o espírito de um valoroso general.”*

²² Esta composição e as três seguintes são tradução dos textos latinos que se encontram no códice 993 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Sobre a religiosidade de Isabel no matrimónio

Pelo mesmo

*Admiramo-nos se a jovem, encerrada sob tecto
E vivendo em fundo claustro, se abrasa no amor do alto Céu:
Quão mais admirável a senhora imersa no tráfego mundano,
Por todos os lados cercada de seus servos!
Mas embebeu seu peito com o culto do etéreo Cristo,
Só curando dos tesoiros do Rei celestial.
[137] Digna é esta, penso eu, de imortal coroa.
Tal foi, como é claro, a sábia Isabel,
Pois, como entre as trevas com seus raios resplandece o Sol,
No matrimónio viçam a religião e a piedade.*

Sobre a humildade na condição régia

Pelo mesmo

*Quando a Fortuna vê a Rainha fortemente abroquelada,
Refalsada trama em seu espírito embustes vários,
Prostra-se a seus pés, põe-lhe por diante os títulos dos avoengos,
Pondo à compita a linhagem com a nobreza de costumes.
Oferece-lhe inúmeros servos, servas sem conta,
Incontáveis dons e terras, purpúreas vestes, grinaldas, ceptros, paços.
A sábia Rainha tudo despreza, e nem uma
Ligeira brisa com seu sopro move aquele firme peito.
“Essa”, diz então, “que me venceu em tão renhida lide,
Na Terra não nasceu: caiu dos Céus.”*

[797]²³

À rainha

Duarte de Sande

*Adornai com tripla coroa a cabeça de Isabel,
Pois com seu poder muito foi o que senboreou.
A de ferro lhe cabe, porque Portugal lhe obedeceu ao cetro
E, para que o tomasse como cousa sua,
Como a ama lhe ofereceu a cerviz.*

²³ Esta composição e a imediatamente a seguir são tradução dos textos latinos que se encontram no códice 3308 da Biblioteca Nacional de Lisboa.

*Segue-se depois a cinzelada em prata, pois com palavras
Os peitos dominou cruéis de poderosos chefes.
Diadema de oiro pede a derradeira vitória:
Porque com mão poderosa dominou-se a si mesma, que é o bem maior.*

Outro

*Com a morte vai-se o lustre da coroa e se desvanece o poder do senhorio
Como em funéreas piras a luzente chama,
E assim, dentro de estreitas balizas, os nomes se encerram
'Régia majestade', 'soberbos cetros', 'chefes'.
Esta sina não é porém para todos sem excepção,
Pois, ó Isabel, vemos como te assentas em mais nobre sólio.
O que a morte te arrebatou, acrescentou-o Cristo e fê-lo aumentar
E privada não ficas do régio poder,
E enquanto aos outros a púrpura se tinge de inflada altivez,
Tu tomas as mais estimáveis armas do teu reino.*

[134]²⁴

Enigma

Sobre a aliança feita entre o Sumo Pontífice e os príncipes cristãos, denominada Liga na língua vulgar

Duarte de Sande

*Vês como as feras²⁵ com dente raivoso pressa se dão para assolar
Os pomares cultivados com sobejo trabalho.²⁶
Vês como, trespassando-lhes o corpo, punem os guardiões
E à prova lhes põem as vigorosas forças,²⁷
E que nem a astuta natura protege dos golpes a zorra
Nem os lobos escapam dos sanguinosos dardos.²⁸*

²⁴ Esta composição e a seguinte são tradução de textos latinos que se encontram no códice conimbricense atrás referenciado.

²⁵ Ao lado, no manuscrito: *Ferae sunt uarii christianae rei publicae hostes.* ("Feras são os diversos inimigos da cristandade.")

²⁶ Ao lado, no manuscrito: *Intellige christiana res publica, quam Christus sanguine suo ueluti pomarium conseuit.* ("Entende: a cristandade que, como um pomar, Cristo com o seu sangue plantou.")

²⁷ Ao lado, no manuscrito: *Custodes a fera poenas experientes: reges sunt christiani qui ui armorum rem publicam christianam tutati sunt.* ("Os guardiões castigados pela fera são os reis cristãos que com a força das armas defenderam a cristandade.")

²⁸ Ao lado, no manuscrito: *Nomine uulpum et luporum intellige haereticos [rabidos] tyrannosque crudeles qui tandem extincti sunt.* ("Com a designação de 'raposas' e 'lobos' entendem-se os [enraivecidos] hereges e os cruéis tiranos, que foram ao cabo destruídos.")

Todavía o medonbo javardo,²⁹ possesso de vesana fúria,
 Sem qualquer temor, ensandecido se lança por todos os lugares.
 Avantage-se a todos os que nasceram do mesmo sangue,
 Pois tem entranbas impregnadas de negra bile,³⁰
 E quando os outros ocultam os corpos nos recessos e antros das florestas
 E habitam sáfaras brenbas que bem lhes quadram,
 Levanta-se ele dos visos das montanhas hiperbóreas,³¹
 Arremete para o Sul
 E se dirige para as terras do Levante, para as do Poente,
 E até para as formosas acrópoles e vicejantes soidões
 E para as doçuras libadas pelo esplendente Sol.
 Que tens tu a ver, ó intratável besta-fera, com a fonte das Musas?³²
 Que a ver tens tu com a sábia Minerva, ó cru porco-montês?³³
 Ver-se-ão os pendões da fera: podes cuidar que enviada por Diana,³⁴
 Como para os éneos³⁵ campos de Cálidon.³⁶
 Faz-lhe frente Atalanta, moça ilustríssima, que de todo isenta
 Não está de liga,³⁷ ainda que de nobre estirpe.
 Mas vence com firmeza as restantes irmãs,³⁸
 Que a hostil morte, assim que nasceram, de improviso arrebatou.
 Foi a primeira a trespassar o javardo, mas, não satisfeita com a sangueira,
 Aparenta-se para esquarterar-lhe os membros com as suas mãos,

²⁹ Ao lado, no manuscrito: *Aper est Turcarum immanissimus tyrannus*. (“O javardo é o terribilíssimo sultão dos Turcos.”)

³⁰ Ao lado, no manuscrito: *Reliqui apri carent felle, ut docet Plinius, hic [uero licet] ut [ostendatur] crudelitas eius*. (“Os demais javalis não têm fel, consoante ensina Plínio, mas [é possível aqui se pretenda significar] a sua crueldade.”)

³¹ Ao lado, no manuscrito: *In Hyperboreis montibus: in Scythia, in qua sunt hi montes, fuit origo Turcarum*. (“Nos montes hiperbóreos: os Turcos são originários da Cítia, na qual se encontram estes montes.”)

³² Ao lado, no manuscrito: *Turcarum tyrannus sub sua ditione habet Boeotiam et Ioniam et alia loca Musis consecrata*. (O sultão dos Turcos tem debaixo da sua soberania a Beócia, a Jónia e outras regiões consagradas às Musas.)

³³ Ao lado, no manuscrito, imediatamente após as palavras citadas na nota anterior, encontram-se algumas que no seu todo não lográmos decifrar, com a exceção das seguintes, bastantes para a inteligência da alusão textual: [...] *Athenis olim Mineruae* [...]. (“Em Atenas, outrora [consagrada?] a Minerva [...]”)

³⁴ Numa tradução literal escreveríamos “pela Latoída”. Veja-se a nota *infra*.

³⁵ De Eneu, antepassado de Eneias, mítico rei de Cálidon.

³⁶ Ao lado, no manuscrito: *Signa Turcarum lunam continent, quae est etiam Diana [...] et Latois a Latona matre. Haec autem Diana in Calcedonya, Graeciae prouincia, aprum immisit*. (“Os pendões dos Turcos exibem a Lua, que também é Diana [...] e ‘latoída’ por causa de Latona, sua mãe. Por outro lado, esta Diana lançou o javali sobre a Calcedónia [sic], província da Grécia.”)

³⁷ Ao lado, no manuscrito: *Atalante significat feminam quam pinximus, uulgo liga. Non omnino caret faece. Nomine [autem] ipso eam prae se fert, cum faex auri lusitane dicatur liga*. (“Atalanta representa a mulher que pintámos, vulgarmente designada por ‘liga’. Não está totalmente isenta de liga. [Por outro lado,] com o próprio nome se dá a conhecer, uma vez que em português se chama ‘liga’ às fezes do ouro.”) – Lembre-se que, segundo o mito, deveu-se à destemida moça Atalanta o primeiro dos golpes que puseram termo à vida do monstruoso javali que a despeitada Diana lançara, para assolá-lo, sobre o território de Cálidon.

³⁸ Ao lado, no manuscrito: *Vincit sorores: alias similes societates initas quae diremptae sunt*. (“Vence as irmãs: outras alianças semelhantes a esta, que se fizeram e se dissolveram.”)

*Não porém de modo a que algum dia as presas origem pelejas,
Pois, embora mulher, cargo tem de Astreia.*³⁹

[149]

A Universidade e o nosso Colégio

Estava ũa matrona reverenda com um bordão em a mão. Diante dela, dous filhos: um de verde, outro de vermelho. Detrás, duas filhas: ũa com coroa. Da outra parte, um velho honrado com filhas detrás de si e diante alguns mancebos, que se iam do velho pera a matrona. A matrona é a Universidade, os filhos e filhas Direito Civil e Canónico, Medicina e Teologia. O velho, o Colégio; as filhas, as ciências que nele se ensinam: os mancebos, estudantes que passam do Colégio pera a Universidade.⁴⁰

Duarte de Sande

*Oh possa eu evocar-te, matrona de tão respeitável catadura,
A quem venera a mor parte da prole icária.⁴¹
Se quiseres evocar-me, mais prestes se evocará o Universo
E as paragens em torno às quais correm as águas que bebes.⁴²
Mas [ofereci] descendência e um irmão mais moço
Que a mim se ajunta com perpétua liança.
Assim que em nobre berço vi a luz da vida
Apoiei minhas passadas a um bordão, que me é vida,⁴³
Mas é pródiga a dextra do bordão, por uso tendo
[150] Dar amparo aos que cambaleiam e amiúde avigorar pernas sem forças,
Razão por que, se se recusa a dar a criada
A quem foi confiado o cuidado de guardar,
Lastima sua mofoina o alquebrado povo.⁴⁴
Por mor do nome ambíguo, não imagines tu,
Na tua ignorância, que são os dois irmãos gordurentos dons da mesa.⁴⁵
A um condecora-o o armígero de Jove, ao outro a ilustre ponte,*

³⁹ Ao lado, no manuscrito: *Astreae munus habet: quare ad leges huius societatis pertinet, seruato iure, spolia subactasque prouincias distribuere.* ("Tem a função de Astreia: porque concerne às leis desta aliança repartir os despojos e as regiões conquistadas em consonância com o direito.")

⁴⁰ Este texto e o título encontram-se em português no manuscrito.

⁴¹ Ao lado, no manuscrito: "Estudantes e ciências".

⁴² Ao lado, no manuscrito: "Porque *uniuersitas* quer dizer em latim 'todo o mundo'. *Et loca*: Coimbra, porque é Universidade de Coimbra."

⁴³ Ao lado, no manuscrito: "Foi instituída por Cristo e apegou-se ao báculo, que é a renda, sem a qual não pode haver Universidade."

⁴⁴ Ao lado, no manuscrito: "A criada é a arca onde se guarda a renda, donde se dá às vezes com dificuldade."

⁴⁵ Ao lado, no manuscrito: "Os filhos podiam pare[cer] cousas de mesa pola dúvida do [nome], porque [*ius*], que quer dizer 'direito', quer também dizer [caldo]."

Bastas vezes erguida com firme solidez, outras tantas aluída.⁴⁶
 Se persistes na dívida, esclarecer-te-á a postura direita
 Do corpo, onde o artifice se divisa com mal fechada mão.⁴⁷
 A outra⁴⁸ filha cinge a fronte com rico diadema,
 Fazendo-se notar no coro das irmãs.
 Mas a lastimável irmã, com prêmios e rogos importuna
 Aqueles a quem demove a triste e permanente lividez do semblante.⁴⁹
 Demais desta descendência, confia-me os caros alunos
 O irmão, gozando da honra da feminil prole.⁵⁰
 Ele com as mãos mostra a riqueza, mas a cega mocidade
 Regozija-se por o generoso velho ter deixado.⁵¹
 Tempo virá, quando o velho revestir o primitivo viço,
 Em que com seu novo parecer há-de cativar os corações de muitos.⁵²

2. FRANCISCO DE MENDONÇA

TEXTOS LATINOS

[350]⁵³

Amoenissima Tiburtini nemoris consideratio

Qua Tiburtini se tollit gloria montis,
 Qua liquidas Anio uoluit amoenus aquas,
 Villa iacet, uillaeque inter penetralia surgit
 Diues natura, ditius arte nemus.
 5 Scilicet umbroso specus est fabricata recessu,
 Molliter in curuos undique flexa sinus.
 Huius multicolor pingit conuexa lapillus,
 Et uariis caelat conchula picta notis.

⁴⁶ Ao lado, no manuscrito: "O Direito Civil é honrado com as águias, que são os sinais dos imperadores, porque se chama *ius caesareum*. O Canônico é [dito] da ponte de Roma que se chamou *sublicius pons*, que caiu muitas vezes e foi [reedificada], donde se chamaram [os] pontífices e *ius pontificium*."

⁴⁷ Ao lado, no manuscrito: "Porque se chama *direito*, que [se] significa na palavra *recti*."

⁴⁸ Ao lado, no manuscrito: "Teologia, com coroa por ser rainha das ciências."

⁴⁹ Ao lado, no manuscrito: "Medicina, porque rogam e dão partido aos [que] querem ouvir Medicina."

⁵⁰ Ao lado, no manuscrito: "Estudantes que passam do Colégio."

⁵¹ Ao lado, no manuscrito: "*Opes*, ou o saber ou o castigo que é riqueza e proveito dos estudantes. Mas não querem eles tanta liberalidade."

⁵² Ao lado, no manuscrito: "Quando o velho reverdecer fazendo-se o edifício novo, então se moverão mais a ficar nele."

⁵³ A paginação é a da 1ª edição.

Hinc serpunt hederæ natiuo brachia lapsu,
 10 Illinc in flexus ductilis herba meat.
 Qua male iunguntur bibulo cum pumice tofi,
 Antrum multiplicis luminis instar hiat.
 Multa cauernosis uolucris sedet hospita rimis
 Daedala quam duro fecit in aere manus.
 15 Qui cernunt ueras imitantia signa uolucres,
 Non caelata putant aere, locata putant.
 Spirat auis quaecumque suo maculata colore,
 Vt libet, argutis gestibus ora mouet.
 Excutit haec plumas, pedibus micat illa, canorum
 20 Haec leuat, haec uoluit, deprimit illa caput.
 Multa etiam impexas rostro discriminat alas,
 Multaque luminibus circuit antra suis.
 Altera miranti blanditur syrmate uulgo;
 Altera, dum crispat colla superba, tumet.
 25 Et nihil ut uiuae ficta sub imagine formae
 Desit, quaeque suum funditat ore melos.

 Artis opus natura suum miratur, et artis
 Ludum experta, “Minor sum”, canit, “arte minor?”
 Et quaeris, quae tanta gerat miracula uirtus?
 30 Accipe: in hac Siculus claudicat arte faber.

 Labitur occultis effusa meatibus unda,
 Qua parte aérias aerea fallit auis.
 Hanc ubi paulatim per gyrum ducta recludit
 Vertebra, continuis haustibus urna bibit.
 35 Inde per arcanos emendicata canales,
 Ad uolucrum longo ducitur orbe pedes;
 In quibus exiguo reserata foramina clauo
 Nacta subit, uentrem mox adit, inde caput.
 Nec mora, libratas aequali pondere moles
 40 Intus obit, medios perfluit usque sinus.
 Mox, ubi machinulas intrinsecus unda uolutat,
 Dulcibus alituum cantibus aura sonat.
 Non ita concentus numerorum lege solutus,
 Compositos seruat uox animosa modos.
 45 Intenti mediis, grauibus sociantur acuti,
 Aequalique omnes omnibus arte soni.
 Cuncta simul referunt placidos uolitantia cantus:
 Distinguit proprium singula uoce melos.
 Cantat olor, geminatque suos lusciniæ questus;
 50 Concinit ad numerum dulcis acanthis aquae.

Quae uolucres late caelo potiuntur aperto,
 Huc medio uertunt Solis ab axe uiam:
 Miranturque suas alieno in corpore uoces,
 Alternosque cient per caua lustra sonos.
 55 Hic etiam uolucrum turmis inimica, diei
 Nescia, secluso fornice sedit auis.
 Haec inter, rotulis undarum mole solutis,
 Exserit obscuro limine torua caput.
 Mox ut quaeque prior (dictu mirabile) frontem
 60 Aspicit e tristi rupe micare, silet.
 Illa dehinc collum extollit, iam pectora; tandem
 Prosilit, et misero carmen ab ore trahit.
 Continuo totus sistit concentus, et inter
 Tam multas solum noctua stridet aues.
 65 Cum tamen ex oculis iterum se proripit hostis,
 Antraque cimberia nocte sepulta petit,
 Maiores iterant nemorosa per auia plausus
 Inque suos redeunt uoce priore choros.
 O quae tam uiuas simulant per inania uoces!
 70 Tam bene quae uitam fingit in aere manus!
 Cedite Sicaniis olim fabricata caminis!
 Cedite Phidiaca signa dolata manu!
 Cedite fusa cauis Temeses fornacibus aera!
 Cedite Daedaleis ora polita rogis!
 75 Iam meritas antiqua trahant monumenta ruinas,
 Hoc se se astrorum cursibus aequet opus!

Dulce bellum inexpertis

Numquam saeua tulit miseri discrimina belli,
 Qui cupit arduos Martis adire globos.
 Nescius armorum miles petit arma: sed odit
 Qui uidet a crudo saucia membra Deo.
 5 Gestit in extremum conscendere nauita litus,
 Qui tumidas nullo proscidit aere uias:
 Si tamen undarum sulcauit in aequore moles
 Naufragus, aequoreas effugit ille minas.
 Optat obire nouas utroque in cardine sedes,
 10 Qui positas neutro uidit in axe plagas:
 Qui tamen Arctoi senserunt frigora uenti,
 Quique sub Australi derigere gelu,
 Ire nec e regno patriisue penetibus audent,
 Ne subeant gelidae tristia damna niuis.

15 Pellaeus iuuenis dum nescit, feruida quantas
 Euibret e medio uertice zona faces,
 Scire cupit terras medio sub sole iacentes
 Et Nili arcano nobile fonte caput:
 Hic tamen expertus, rapidis arentia flammis
 20 Litora et aetheris ignibus usta fugit.
 Icarus ignotas agitare per aera pennas,
 Molirique nouum nescius optat iter,
 Ardet inexpertus ferri super aethera: tales
 Forsitan expertus nollet inisse uias.
 25 Et Phaethon loris patrios torquere iugales
 Postulat et patrios flectere nescit equos:
 Cum tamen ad caeli medium conscenderit axem,
 Senserit et uerso frena labare iugo;
 Forsitan, et currus numquam tetigisse paternos
 30 Tale nec imperium sustinuisse uolet.

TRADUÇÕES

[350]

Mui aprazível contemplação dos jardins de Tívoli

*Lá por onde se alteia de Tibur⁵⁴ o ufano oiteiro,
 Lá por onde o Ávio aprazível rola sua límpida leiva,
 Uma quinta se encontra: e nesta, em seus recessos,
 Ergue-se um jardim, se rico por obra de Natura,
 Mais rico ainda por obra da Arte.
 É que no umbroso retiro um túnel se abriu
 Que, em curvos rodeios, suave serpeia por todas as partes.
 Por dentro o pintam pedrinhas de várias cor
 E incrustadas se vêem miúdas conchas de diversos matizes.
 De um lado, os braços da hera enleiam-se seguindo seu natural pendor,
 Do outro, a flexuosa grama se enrosca e encurva.
 Onde mal se ajustam as porosas pomes com a pedra tufo,
 Aí, qual grande olho, abre-se uma gruta.
 Da caverna nas fendas poisam-se e hospedam-se aves inúmeras
 Que engenhosa mão moldou em duro bronze.
 Quem contempla as esculpidas aves imitando as verdadeiras*

⁵⁴ Nome latino da atual Tívoli.

*Não as imagina cinzeladas em bronze, mas cuida que ali poisaram.
Cada uma destas em si mostra a cor que lhe pertence
E, como lhe praz, a cabeça volve com vividas visagens.
Esta, sacode as penas, aquela saltita, essa
Ergue a sonora cabeça, roda-a aquela outra e esta aqui a abaixa.
Há outras muitas que com o bico alisam as descompostas asas,
Circunvagando outras os seus olhos pela caverna.
Com a formosa cauda esta encanta a multidão em pasmo,
Incha aquela, ao tempo que ensoberbada encrespa a gorja.
E para que, sob fingida aparência, nada falte
Da forma viva, cada uma delas solta o canto que lhe é próprio.*

*Natura admira a sua obra de arte, mas vendo
Da Arte a obra, exclama: “A Arte me supera!”
E perguntas: “Qual a alta capacidade que cria tamanhas maravilhas?”
Crê-me: nesta arte o artífice siciliano sai vencido.*

*A água espalha-se correndo por secretos canais.
Nesta parte, às aéreas induzem em erro as éreas aves.
Quando abre passagem à linfa uma cavilha que aos poucos se roda,
A urna a vai bebendo com sorvos contínuos.
Depois, deslizando através de ocultos veios, por longo giro
É conduzida até às patas das aves,
Nas quais ascende pelos orifícios que depara,
Abertos por pequeno prego,
Dirige-se depois ao papo e, enfim, à cabeça.
Penetra sem detença no interior dos corpos de peso parelho
E corre até ao meio da cavidade.
Depois, quando a água move dentro as engrenagens,
A viração ecoa os doces cantos da alígera grei.
A toada não se eleva forra da lei da harmonia,
Intrépida a voz se cinge a ritmos em boa ordem:
Com os intensos, os médios se consorciam, os graves com os agudos
E, com igual arte, os sons associam-se todos uns com os outros.
Toda a raça volátil solta em uníssono aprazível cântico,
Cada um o matizando com o timbre que lhe é próprio.
Canta o cisne e o rouxinol requebra os seus queixumes;
Mavioso, o pintassilgo gorjeia ao ritmo da água.
As aves que livres gozam do céu aberto
Para aqui fazem rota deixando o vasto pólo
E pasmam de em alheio corpo escutar suas vozes,
Soltando pelos profundos bosques cantos à compita.
Também aqui aquela ave que é hostil aos bandos de pássaros
E ignora o dia, também ela poisou nesta fechada galeria.
Activada a engrenagem com o impulso das águas,*

*Ei-la que minaz assoma a cabeça na escura morada.
Mal alguma das demais aves vê que o rosto lhe surge
Do torvo abrigo, (coisa de espanto!) logo se cala.
Mas ela ergue o pescoço, e logo o peito, e enfim
Estira-se, soltando ao vento um cântico mofino.
Logo logo cessa por inteiro o geral cantar
E, entre tão numerosas aves, ressoa só a coruja.
Mas quando o inimigo volve a afastar-se da vista
E se dirige para os cimérias antros, na noite sepultados,
Através dos inacessos bosques recomeça mais forte o bater de asas
E tornam, com a voz de antes, aos seus cantos em coro.*

*Oh quão vivas são as vozes que imitam através dos ares!
Como foi perfeita a mão que imitou em bronze a vida!
Dai-vos por vencidos, ó artefactos saídos das forjas dos Sicanos!
Dai-vos por vencidas, ó imagens talhadas pela mão de Fídias!
Dai-vos por vencidos, cobres fundidos nos ocios fornos de Témese!
Dai-vos por vencidos, rostos fraguados pelas dedáleas chamas!
Os antigos monumentos merecem hoje arrastar consigo as suas ruínas
E esta obra nivelar-se com a alta carreira dos astros!*

Doce é a guerra para os que a não conhecem

*Nunca suportou os cruéis perigos da mofina guerra
Quem almeja integrar os fogosos esquadrões de Marte.
Vai empós dela o soldado que não provou peleja,
Odeia-a o que vê os corpos dilacerados pelo impiedoso deus.
Anseia o nauta por embarcar rumo às mais remotas costas,
Antes de alguma vez a sua quilha fender o encapelado mar.
Mas se nas águas se achou náufrago por entre montanhas de vagas,
Vê-lo-ás esquivar-se aos perigos do mar.
Deseja percorrer novas terras em ambos os pólos
Quem nunca viu as regiões que se situam quer num quer noutra:
Os que porém curtiram os frios do vento norte
E os que congelaram sob a austral geada,
Esses ousio não sentem para deixar sua terra e lar
E expor-se às agressões da gélida neve.
O moço de Péla,⁵⁵ quando não conhecia quantos fogos a ardente zona empunha,*

⁵⁵ Alexandre Magno.

*Sentia ávido desejo de conhecer as terras
Que se acham sob o Sol equatorial
E (em arcana fonte) as nobres cabeceiras do Nilo:
Mas, ensinado pela experiência, foge dos lugares
Abrasados por terríveis chamas,
Foge das praias que requeima um céu de fogo.
Ícaro deseja agitar através do ar plumas que não são suas
E nesciamente abrir um caminho novo.
Sem experiência, eis que se abrasa ao deslocar-se sobre o ar:
Se a tivesse, de seguro não teria escolhido um tal caminho.
E Faetonte pretende manobrar com as rédeas as parelhas do pai
E não sabe como dirigir os cavalos paternos:
E ao elevar-se para o meio dos céus
E percatar-se que já não segura as rédeas do desgovernado carro,
Talvez deseje nunca ter tocado no paterno coche
Nem no carro do pai ter detido um tal poder.*